

Desencontros e Encontros entre Amor e Gozo

Márcia Tourinho Dantas Fraser

Bom dia, agradeço a todos a oportunidade de apresentar nessa jornadinha esse breve escrito.

Vou seguir o tema Amor e gozo no do Seminário 20, "O Mais Ainda", embora traga um pequeno e encantador "aperitivo" do seminário "A transferência".

Início com a fórmula com a qual Lacan caminhou ao longo de todo o seminário:

"O Gozo do Outro, do corpo do Outro com O maiúsculo, do corpo de Outro que o simboliza, não é signo do amor"

O AMOR é SIGNO, o que não é signo do amor é o Gozo do Outro, do Outro sexo, do corpo que O simboliza.

O amor faz sinal, o amor demanda amor e não cessa de demandá-lo; mesmo não sendo o signo do gozo do outro, a única resposta. Lacan ressalta que o amor é recíproco e que foi por isso mesmo que se inventou o inconsciente: para se perceber que o desejo do homem é o desejo do OUTRO, e o amor é uma paixão que pode ser a ignorância desse desejo.

Embora recíproco, o amor é impotente, já que ele está ligado à ignorância do ser: o desejo de ser UM. IMPOSSÍVEL, sendo ele narcísico, não faz ninguém sair de si mesmo, mas isso não lhe tira todo o alcance já que ele faz suplência à relação sexual, enquanto inexistente.

O gozo do corpo do outro, entretanto não é necessário e nem resposta já que o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não consegue gozar do corpo da mulher, precisamente porque aquilo que ele goza é desse gozo, o do órgão.

A substância do corpo, substância gozante, se define pelo que goza. Um corpo goza, isso se goza'... Ele só goza por "corporizá-lo de modo significante".

Lacan aponta para uma disjunção entre amor e gozo, impossível gozar de quem se ama. No amor, o que se visa é o sujeito: o gozo fálico é sempre o gozo do significante. O sujeito não tem grande coisa a fazer com o gozo, mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar desejo, aí está a mola do amor.

Lacan, no seminário 8, "A transferência", diz que o outro, enquanto visado no desejo, é visado como objeto amado e segue nos trazendo o que ele chama de seu mito para trazer a imagem da produção do amor:

"Essa mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atíçar é estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atíçar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento é a sua mão que se detém

fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas, então, o aí se produz é o amor”.

De volta ao seminário 20, Lacan diz que, a experiência analítica, o amor é o pivô, é pela via do amor que a análise opera, é o amor que suporta a transferência, nisso ela não distingue da experiência do suposto saber, “aquele a quem eu suponho que sabe, eu amo.” O discurso psicanalítico revelou o fato de que o saber que estrutura o que é do ser da falta tem a maior relação com o amor, pois o que sustenta todo amor é a relação entre dois saberes inconscientes.

Seguindo, ele retoma Freud para falar sobre o amor Cortês, esse amor que é, para o homem, a única maneira de se sair com elegância da ausência da relação sexual, de suprir a sua ausência, fingindo ser ele mesmo quem lhe coloca obstáculo.

E continua ratificando que se não há relação sexual, é justamente porque o gozo do Outro tomado como corpo é sempre inadequado, perverso, na medida em que o Outro se reduz a objeto *a*, sendo que é o enfrentamento com esse impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real que é posto à prova o amor, já que do parceiro, o amor só pode se realizar como poesia, uma espécie de miragem...

A relação sexual não existe, é impossível, ela “não cessa de não se escrever”, já o amor “cessa de não se escrever”, aí está o ponto de suspensão ao que se apegamos o amor.

É nessa contingência, que há o encontro de sintomas, de afetos do que cada um marca como traço de seu exílio, não como sujeito, mas como falante, é justamente pelo afeto que resulta dessa hiância que se produz o amor, que por um instante dá a ilusão de que algo não somente se articula mas se inscreve no destino de cada um, pelo que, durante um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço, sua via de miragem.

O homem, aquele que se sente macho, crê que aborda a mulher, só que o que ele aborda é o objeto *a*, causa de seu desejo: aí está o ato de amor.

“FAZER AMOR, COMO O NOME INDICA, ISSO É POESIA, MAS HÁ UM MUNDO ENTRE A POESIA E O ATO” (Lacan)

Dizer que A Mulher não existe, não impede de desejá-la, cantá-la e fazer dela poesia.

Nomeei-te rainha.

Há maiores do que tu, maiores.

Há mais puras do que tu, mais puras.

Há mais belas do que tu, há mais belas.

Mas tu és a rainha.

Quando andas pelas ruas

ninguém te reconhece.

Ninguém vê a tua coroa de cristal, ninguém olha

a passadeira de ouro vermelho

que pisas quando passas,
a passadeira que não existe.

E quando surges
todos os rios se ouvem
no meu corpo,
sinos fazem estremecer o céu,
enche-se o mundo com um hino.

Só tu e eu,
só tu e eu, meu amor,
o ouvimos.

[Pablo Neruda](#)